



CONTRIBUIÇÕES DO CAMINHAR, ESTAR JUNTO, COMPOR A PAISAGEM E ENTRETECER PARA REFLETIR SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL E INDUSTRIAL FERROVIÁRIO

Eixo Temático 1 - Fundamentos, processos de pesquisa e a temática patrimonial: modos de construção horizontais a partir da academia

Alice Bemvenuti
Doutoranda, PUCRS, Brasil.
alicebem@gmail.com

* A revisão do texto é de responsabilidade dos autores

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar uma reflexão sobre os desafios diversos que perpassam o patrimônio cultural, a partir da pesquisa de doutoramento em andamento, a qual investiga o caminhar na relação com o aprender, considerando referenciais para discutir um contexto histórico específico: o patrimônio industrial ferroviário, situado na Vila dos Ferroviários, em Porto Alegre, RS. A proposta desta investigação assume o deslocamento do caminhar como prática de espaço e ação possível de ser concebida enquanto objeto de reflexão da educação e da museologia, abrangendo, o conceito de caminhar, discussões constantes da antropologia, da geografia e da arte. A coleta para essa investigação pressupõe tempo de estar junto no espaço e no tempo da vila, compartilhar, respirar junto e observar situações não previstas no encontro entre e com moradores, permitindo reconhecer modos de entretecer e aprender ao longo do deslocamento e compor a paisagem histórica da produção.

Palavras-chaves: *caminhar, aprender, vila ferroviária, patrimônio industrial, paisagem.*

ABSTRACT

The idea of this article is to present a reflection based on the various challenges that permeate cultural heritage based on ongoing doctoral research that investigates walking in relation to learning, considering references to discuss a specific historical context: the railway industrial heritage, located in Vila dos Ferroviários, in Porto Alegre, RS. The purpose of this investigation assumes the displacement of walking as a practice of space and action that can be conceived as an object of reflection in education and museology, and the concept of walking encompasses constant discussions in anthropology, geography and art. The collection for this investigation assumes time to be together in the space and time of the village, sharing, breathing together and observing unforeseen situations in the encounter among and with residents, allowing to recognize ways of interweaving and learning along the movement and composing the historical landscape of production.

Keywords: *walking, learning, railway village, industrial heritage, landscape.*

INTRODUÇÃO

A preservação do patrimônio ferroviário inclui diversos desafios, entre eles o de discutir os fazeres em educação e em museologia, que compreendem a experiência com o patrimônio cultural e industrial, experiência essa distinta da ação de reprodução de informações e/ou de fatos históricos. Reconhecer, em contextos de produção, em sítios urbanos, vilas e ruas, a permanência dos fazeres das comunidades e do povoado ativa discutir o termo patrimônio a partir de um alargamento para além das heranças e das edificações. Nesse sentido, a reflexão ao qual me proponho aqui é um desdobramento da pesquisa doutoral que ora realizo: apresento a investigação com o intuito de nutrir as inquietações, que se desenham no processo acadêmico de pesquisa e que se emaranham com os fazeres e as práticas de campo, através das caminhadas e da convivência com famílias ferroviárias na Vila dos Ferroviários, em Porto Alegre, RS.

A aproximação com a vila tem origem pontual, quando propus ao Museu do Trem (São Leopoldo, RS) identificar e conhecer ferroviários e ferroviárias, a fim de ouvir narrativas que convidassem a olhar para as coleções históricas e para o acervo museológico. As recorrentes idas ao local são intensificadas com o desdobramento de uma proposta educativa entre Museu e Grêmio Esportivo Ferrinho, através do guardião do espaço, o ferroviário Hélio Bueno da Silveira, e com as saídas acadêmicas de campo, em que realizei caminhadas sistemáticas com grupos de alunos-fotógrafos, para projetos de fotografia documental. Entre as inquietações surgidas nesse decurso, interrogo sobre a relação do museu com a comunidade, com as práticas da museologia e da educação, assim como questiono debates sobre patrimônio, fotografia, memória e cidade. Diversos são os desdobramentos das referidas inquietações, entretanto, como objeto de pesquisa, destaco o caminhar: o que se aprender ao caminhar? Para responder a esse questionamento, realizo um detalhado levantamento dos registros feitos outrora, mapeando e identificando os movimentos desenvolvidos no período entre 2012 a 2021. Nesse sentido, busco verificar em que medida o ter contato, o encontro e o conviver com moradores da vila (ferroviários ou não) caracterizam um aprender ao longo do deslocamento da caminhada, a fim de analisar em que medida o deslocamento do caminhar, como modo de habitar o percurso na paisagem histórica de produção, desencadeia o aprender.

A investigação acerca do aprender, a partir do deslocamento da caminhada, dá-se por abordagem teórico-crítica no campo interdisciplinar, com fundamentação bibliográfica, busca de anotações, diários de campo, fotografias, áudios, vídeos de rodas de conversas, reuniões, aulas e entrevistas de caminhadas realizadas na Vila dos Ferroviários, no período entre 2012 e 2021, considerando os conceitos de etnografia e fotoetnografia. A metodologia inclui agrupamento dos itens, sistematização, reconhecimento dos percursos realizados e definição de uma coleção (MARSHALL, 2005) composta por conjuntos, com intuito de analisar processos relacionados ao aprender em um território urbano e industrial ferroviário.

SOBRE ESTAR VIVO E AGRUPAR ITENS EM COLEÇÕES

Definir os agrupamentos como conjunto-composição não se trata de pensar a estrutura fechada, mas sim a aproximação de fragmentos e a repetição de fazeres que informem pela estrutura, pela precariedade e pela fração que, anexada, interage na formação de partes-todo (DELEUZE, 2007) capazes de aumentar suas bordas, à medida que leituras e conexões são

feitas, a respeito da experiência com as caminhadas do corpo-sujeito na paisagem na qual participa. Assim, exponho sete conjuntos de partes-todo de dados, detalhados em sua extensão total e apresentados como parte de uma coleção do processo, ao longo dos anos de caminhada, que recuperam o percurso de 2012 a 2021. Tais conjuntos são evidenciados a fim de apresentar os itens que estão interligados, porém destaco que não serão objeto de análise, tampouco de um exercício comparativo com intenção de comprovar eficácia de determinada metodologia; o que proponho é ter, nessa apresentação, outro modo de escolha de como gerir os dados e refletir sobre o que se aprende ao caminhar.

Apresento, portanto, os agrupamentos definidos separadamente, denominados um a um, entendidos como ligação, como linhas, anotações para o entretencimento do percurso da própria pesquisa (ver Figura 01) e que integram a Coleção.

Itens agrupados em conjuntos que formam a Coleção.

Agrupamentos	Características, suporte ou mídia	Período
Livro GEF	Livro de registro de presenças	2009 a 2020
Conjunto 1	Vídeos e áudios	2012 a 2021
Conjunto 2	Fotografias e textos escritos	2011 a 2020
Conjunto 3	Fichas de entrevistas, mapeamento rua Diretor Augusto Pestana	2013
Conjunto 4	Coleções de fotografias nas casas, álbuns de família, vídeos, áudios, textos escritos	2013 a 2021
Conjunto 5	Vídeo-performance, vídeo, fotografia e texto	2020 a 2022
Conjunto 6	Diários, lembretes, inquietações, estranhamentos e confissões	2012 a 2022*
Conjunto 7	Andar de trem (trem urbano no traçado ferroviário de 1874)	2013 a 2019

Figura 01. Fonte: elaborado pela autora.

Abaixo, apresento a sistematização e a quantificação do que abrange cada um dos conjuntos definidos, tratando de denominá-los a partir do que foi elo para agrupar os itens. A saber: Conjunto 1: Caminhar ao longo da vila, fotoetnografar e produzir textos escritos; Conjunto 2: Caminhar, sentar para escutar, respirar junto e registrar (ver Figura 2).

Conjunto 1

Ano	Fotografias	Textos escritos	Textos acompanhados com imagens reproduzidas
Soma	4.922	106	201

Conjunto 2

Ano	Vídeos capturados por diferentes pessoas	Áudios capturados por celular pela pesquisadora
Soma	10:06:05	19:43:47

Figura 02. Fonte: elaborado pela autora.

O Conjunto 3 agrupa dados das primeiras caminhadas, quando foram abordadas as 61 residências, sendo possível observar questões de gênero, faixa-etária, tempo de moradia na residência, profissão atual entre outros dados. Foram sete dias intercalados de coleta de dados, com o total de 18 alunos-acadêmicos envolvidos nessa etapa. O Conjunto passa a ser denominado: Caminhar, dizer olá ao longo da Rua Diretor Augusto Pestana. As imagens geradas durante a coleta de dados foram agrupadas com as demais fotografias no Conjunto 1.

Conjunto 3. Dados caminhada na Rua Diretor Augusto Pestana.

Dia de caminhada	Rua Diretor A. Pestana casas abordadas	Alunos-acadêmicos envolvidos em cada dia de coleta de dados
10.08.2013	1	1
16.08.2013	5	6
17.08.2013	22	8
20.08.2013	1	2
22.08.2013	7	5
07.09.2013	13	8
16.09.2013	6	1
sem data	6	sem registro de nome

Figura 03. Fonte: elaborado pela autora.

Conjunto 3. Registro dos(as) proprietários(as) na Rua Diretor Augusto Pestana.

Cidades do Rio Grande do Sul	Sem nome	Cacequi	Cachoeira do Sul	Canoas	Caxias do Sul	Cruz Alta	Encantado	General Câmara	Guarani das Pedras Altas	Pedras Altas	Pedro Osório	Porto Alegre	Quaraí	Rio Grande	Rio Pardo	Rosário do Sul	Santa Maria	São Jerônimo	São Pedro do Sul	Soledade	Taquara	Soma total	
Feminino	1	0	0	0	0	2	0	1	1	1	0	4	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	12
Masculino	1	3	1	2	1	4	1	1	0	0	1	12	1	1	3	1	8	1	0	1	1	1	42
Não quis responder																							1
Em branco																							6
Soma	2	1	1	2	1	6	1	2	1	1	1	16	1	1	3	1	9	1	1	1	1	1	61

Figura 04. Fonte: elaborado pela autora.

Da captura de fotografias para os projetos documentais, passo a olhar fotografias junto à comunidade em suas residências, o que se agrupa como Conjunto 4: as fotografias de família e os álbuns que foram impulso para conversas e que também foram digitalizadas (ver Figura 05). Denominação dada ao Conjunto 4 foi: Caminhar, sentar para olhar junto e ouvir histórias (ver Figura 05); já o Conjunto 5 foi nomeado como: Caminhar, entretecer corpo rua emaranhado de fios e devires (ver Figura 06); tal conjunto foi organizado a partir do projeto de vídeo-performance desenvolvido levando em conta os desafios com o isolamento social durante a pandemia de Covid-19. Quando as Oficinas de Álbum de Família foram substituídas por encontros remotos, realiza-se uma caminhada solitária, na Rua Diretor Augusto Pestana, a qual é capturada em imagem e projetada no corpo desta pesquisadora, ao mesmo tempo em que segura imagens capturadas em caminhadas anteriores na Vila. A performance é parte do processo de reflexão e entretimento do acúmulo de imagens e de definições que exigiam um fazer e um resultado que se utiliza da arte a fim de elaborar o conjunto de informações sobre o espaço confinado.

Conjunto 4. Referente às conversas olhando fotografias em residências da vila.

Ano	Fotografias das famílias	Fotografias do/no local	Print de tela	Vídeos	Webinar	Textos
Soma	1.446	814	1.050	01:35:41	12:54:00	35

Figura 05. Fonte: elaborado pela autora.

Conjunto 5. Referente à Performance “Vila dos Ferroviários- Memória em Risco”.

Ano	Vídeo captura na Vila e edição	Vídeos da comunidade	Fotografias e processos	Exibição vídeo	Texto	Quantidade de itens
2020	01:04:50	00:01:44	31	01:12:45	2	42
2021	0	0	0	01:55:02	0	1
2022	0	0	0	00:08:43	2	3
Soma	01:04:50	00:01:44	31	03:16:30	4	46

Figura 06. Fonte: elaborado pela autora.

O Conjunto 6, listado na Figura 01, está em processo de finalização, portanto apenas será mencionado, podendo sofrer alterações – Conjunto 6: Diários, lembretes, inquietações, estranhamentos e confissões que agrupa anotações pessoais desta pesquisadora, não tendo sido produzidas, com o intuito de uma pesquisa, mas que abrangem o sujeito que tomava decisões a partir da convivência com a vila, assim como registrava depoimentos e lembretes relacionado aos projetos desenvolvidos. O Conjunto 7 foi denominado como Andar de trem (trem urbano no traçado ferroviário de 1874), (ver Figura 07).

Conjunto 7, atividades no percurso do trem urbano, produção acadêmica dos alunos e registros.

	Fotolivro	Fotografias ou imagens com texto	Textos escritos	Áudios, outros
Total	10	250	17	01:12:04

Figura 07. Fonte: elaborado pela autora.

À medida que se reconhece a presença de dados não como um documento que transporta, mas como um fio que compõe a trilha e sustenta parte da relação com tecelagem narrativa (INGOLD, 2022, p. 148), o fazer dá-se tanto no agrupamento das anotações, como das imagens. Fica evidente, portanto, que não seria possível tratar esses elementos conforme documentos fixados como estruturas fechadas e comprobatórias de uma experiência, mesmo que também possam ser usados para tal fim. Aqui, são utilizados para entendimento da convivência com a comunidade e os desdobramentos a partir de cada encontro, de cada projeto desenvolvido, de cada conversa, vínculo de confiança e familiarização, que sugere a experiência ao longo das caminhadas e na experiência ao longo desta investigação.

Pessoas contam suas histórias. Escutar também produz tensionamento. Escutar, na Vila, pode estar na relação de um aprender com. Wenger afirma que somos seres sociais; que o conhecimento é uma questão de competência em relação a determinado empreendimento; que o conhecimento tem a ver com comprometimento e a participação ativa nas práticas; e, que o que deve produzir a aprendizagem é a nossa capacidade de experimentar o mundo (SCHMITT, 2021, p.33).

Ao reconhecer o aprender, independente da afirmativa de participação ativa nas práticas, entendendo que se aprende também sem qualquer comprometimento ou empreendimento prévio, entendendo que aprender se dá na interação e esta poderá ser reconhecida pelo sujeito em outro momento de sua vida, em outros tempos e ou em outros espaços e acontecimentos. Neste sentido, como pensar o patrimônio cultural e discutir aproximações e entendimentos que o fazer se dá na convivência, no estar junto e no estar vivo.

SOBRE PAISAGEM E ENTRETECER

A proposta de investigação do doutorado assume o deslocamento da caminhada como ação possível de ser concebida enquanto objeto de reflexão para discutir o aprender na relação com o patrimônio, a partir de referenciais da antropologia, da geografia, da arte e da educação. Para Michel de Certeau, “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos” (1998, p. 177). O autor igualmente compreende que caminhar é relativo a uma falta de lugar, quando se está em um processo indefinido entre a ausência e a procura de um próprio. Recorro à compreensão de que caminhar diz respeito a estar entre, movimentar-se no espaço entre, produzindo uma relação com alguém, algum objeto, algum lugar ou alguma coisa. Caminha-se como quem respira, como quem se move entre coisas, objetos, espaços subjetivos e físicos.

Ao reconhecer o caminhar como prática imbricada ao aprender, estabelece-se uma oposição de sentido com as concepções que definem o aprender e o conhecimento como algo situado na transmissão ou no acúmulo da informação, definindo que o aprender não se dá na relação de conjunto e de tecido, mas como sujeito passivo que só é capaz de aprender ao reproduzir o conteúdo ao qual foi submetido. Esse reconhecimento permite refletir sobre o tratamento dado ao patrimônio cultural e, assim, interessa-me pensar a experiência que se estabelece no acontecimento do estar vivo e, portanto, em contato com e ao longo de uma experiência junto à paisagem. Segundo John Dewey, a experiência se dá na relação entre o fazer e o estar sujeito, o agir e o receber (2010), quando é preciso que o corpo esteja na mesma medida em ação e na condição de quem se permite receber ou ficar sujeito a algo, afirmando que “vivenciar a experiência, como respirar, é um ritmo de absorções e expulsões. Sua sucessão é pontuada e transformada em um ritmo pela existência de intervalos, períodos em que é cessada e uma outra é inicial e preparatória” (DEWEY, 2010, p. 139).

A proposta de caminhar em uma vila ferroviária confirma o deslocamento sobre os conceitos patrimônio, fragmento dos usos ao qual se faz, mesmo sem a interferência de políticas públicas, pois, à medida que a experiência de estar naquele espaço, ela adquire sentido pela atenção concentrada tanto no lugar, como no momento presente estabelecido pelo encontro, pela convivência, pelo estar junto e ser a coisa e o acontecimento. Os atravessamentos perpassam o corpo de quem caminha e convive em relação com o espaço percorrido e com os acontecimentos ali vividos, neste sentido, o entretecer de quem está participando. Portanto, caminhar pressupõe estar presente no lugar por onde se desloca, independente de planejamentos prévios ou necessidades de ir a algum lugar, porém, conforme nos aponta Tim Ingold, estar como em um acontecimento como coisa e não como objeto (2022).

A experiência de encontro e convivência com moradores também emerge, emaranhando-se com os relatos das lembranças presentes e das lutas atuais para regularização fundiária para

as moradias, entre outros direitos trabalhistas ainda não solucionados, na relação entre empresa e trabalhador. A paisagem assim informa sobre cenário integrado às diversas lutas dos moradores, revelando tanto aspectos históricos sobre o auge da tecnologia ferroviária e da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), quanto sobre os posteriores desdobramentos relacionados ao conjunto de questões econômicas, políticas e sociais que advém da liquidação e da extinção da Rede. O passado que é presente torna-se recorrente nas caminhadas, tensionando conversas relacionadas à moradia incerta que carece da regularização e que ainda assombra e ocupa, com medos, a rotina das famílias, exigindo constantes movimentos comunitários e coletivos na busca de soluções. É possível identificar marcas presentes não apenas nos espaços físicos, como também nos guardados que podem ser identificados como as fotografias e os álbuns de família que revelam lembranças, silêncios, olhares e tensões, e na organização das relações entre as famílias ferroviárias e as outras famílias que passam a morar na vila.

O interesse em pensar o local como lugar passa pelas singularidades, pelas lembranças, pelos acolhimentos; passa, sobretudo, pelas impermanências e pelo provisório de cada encontro que tem a pretensão de ser uma experiência em relação a um conhecimento, um acontecimento que integra coisa e compõe a paisagem que não é estática e pode ser pensada como ambiente e relacionamento (INGOLD, 2015). O que poderia ser pensando a respeito de paisagem como artefato e sistema da produção humana é fundamental para identificar a presença dos homens e das mulheres, sejam moradores, sejam caminhantes diversos. Isso auxilia a reflexão sobre as relações com o espaço que une e que separa, o espaço que carrega relações de força, o espaço com marcas físicas do passado e o espaço transformado pelo presente, negando ou discutindo as memórias do contexto ao qual se insere. Sem abordar questões relacionadas à forma, à estrutura e à função (SANTOS, 1997), é na experiência de habitar o lugar com o que ele tem presente e na presença de quem o habita que há um entrelaçamento deste estar vivo. Segundo Ingold, são pontos que proporcionam a constituição de uma malha, de um tecido, sendo que os fazeres do sujeito é o que processa internamente a experiência e que, ao participar, é parte do “processo pelo qual o mundo vem à existência continuamente que, ao deixar uma trilha de vida, contribui para a tecelagem e textura.” Assim Ingold refere-se às linhas emaranhadas e irregulares, porém coerentes, na formação de um tecido, de um entretecimento, que não podem ser previstas, mas que transportam e constituem o movimento daquele que caminha.

Nesse sentido, a experiência nesse lugar são aspectos individuais e coletivos, de memória presente nas narrativas, tanto de moradores, como de visitantes, que convivem, que caminham ao longo da rua, que permanecem por tempos indeterminados, que não são marcados por começo ou fim, mas por tempos vividos *entre* os lugares de convivência e não *nos* lugares (INGOLD, 2022). Concentrar a atenção no deslocamento produzido pela experiência na caminhada é uma oportunidade de ter, no encontro, espaço para as incertezas e as impermanências como elementos indissociáveis na relação com o patrimônio enquanto um acontecimento presente e vivo.

SOBRE ESTAR VIVO, ESTAR JUNTO E CAMINHAR NA VILA

Caminhar aqui não se trata de uma tarefa ou um deslocamento de um ponto a outro, ou mesmo de transportar algo de um lado a outro. Caminhar é encontro, é relacionar-se num tempo e num espaço. Pressupõe engajamento à medida que o fazer é exposição no encontro. Caminhar é estar junto com, ao longo de, em contato. Enquanto se caminha, se é parte do lugar durante a caminhada. O deslocamento como prática de espaço permite se ocupar com o lugar, não na espera de algo, mas na composição com esse lugar, no instante que pratica como um conjunto, uma dinâmica, um entrethecimento, sobre esse entretecer com a paisagem na condição de existir, de estar no mundo, de conhecer o mundo quando na relação e em relação com humanos e não-humanos.

Essa prática confere ao humano uma propriedade distinta de afirmar o que se é como resultado de uma ação, atividade ou estudo, o que Ingold atribui a ser verbo, "humanos não seres, mas "devires" (INGOLD, 2020). Ingold propõe pensar no termo correspondência a partir da compreensão de composição de movimentos que, à medida que se desenrolam, respondem continuamente uns aos outros (INGOLD, 2013, apud INGOLD, 2016, p. 408).

Nesse sentido, estar vivo é a condição para aprender com e sobre algo. Desse modo, busco, em alguns conceitos filosóficos do pragmatismo, desenvolvidos pelo norte-americano John Dewey, a compreensão de que a educação está atrelada à vida; ela é um processo contínuo compreendido como social e assegurada pela continuidade como parte de sua natureza. É necessário reconhecer a relação na convivência não como conexões, mas como fios que mantém relações "ao longo de" e que possuem um "caráter fluido do processo vital, onde os limites são sustentados graças ao fluxo de materiais através dele". (INGOLD, 2012, p. 41). Para isso, torna-se importante reconhecer o caminhar como prática capaz de produzir sentidos sobre o corpo e a paisagem (INGOLD, 2022).

Para John Dewey e Tim Ingold, há uma continuidade da vida e dos processos, mencionando a importância da relação pessoas e coisa, assim como entre jovens e velhos, naquilo que produz a comunicação, a partir da compreensão de comum, em que indivíduos com diferentes experiências de vida podem chegar a um acordo, portanto comunga-se e, nessa comunhão, dá-se o aprender.

Desse modo, é preciso entender a educação não como transmissão ou acúmulo de informações, mas sim reconhecer que, para aprender, é preciso corpo, estar presente, conviver; estar vivo (INGOLD, 2015b; 2020; 2022) nos permite apostar em uma discussão sobre o patrimônio cultural, abrangendo o tempo presente e a convivência com os moradores como elemento que exige atenção e disponibilidade. Estar vivo nos permite entender que, onde e quando a vida estiver acontecendo, o corpo poderá ser convocado e atravessado pelo que se aprende, independente do que aprende. Interessa ampliar o debate sobre a experiência nesse lugar específico, situado em uma comunidade definida não só como urbana, mas também como de um contexto histórico de produção, seja através dos aspectos sociológicos presentes nas narrativas ou pelo corpo presente durante determinado tempo uns com os outros.

Caminhar pode estar vinculado a um grupo de interesse em conhecer o local, devido ao fato de ali ter sido criada uma vila operária e onde é possível encontrar marcas físicas e moradores

que foram trabalhadores e operários da RFFSA. Caminhar pode ser de uma necessidade, no caso de um morador que necessita ir de um ponto a outro em sua rotina diária. Outras pessoas caminham por se tratar de um bairro da cidade e, portanto, estão a trabalho, sendo o carteiro o responsável pela leitura da água e da luz, o verdureiro ou o afiador de facas. Cabe interrogar: o que tem na vila? O que faz do espaço geográfico um local para retornar? Nesse sentido, caminhar possibilita encontros entre pessoas; encontros que previamente não se sabe com quem e nem como vão se desdobrar.

Caminhar na vila ferroviária não se estabeleceu previamente, mas, à medida que se caminhava, reconhecia-se o deslocamento do caminhar, o que confirmava a experiência de estar no local, respirando junto. Caminhar ganha dimensão pela atenção dada ao presente e ao que atravessa o corpo de quem está em relação ao caminhar. Portanto, ir e caminhar passa a ser o objeto, para além do próprio objeto de coleta de informações referente às memórias e às lembranças da ferrovia. Caminhar permite, ao longo da experiência, conversar, encontrar e desencontrar, habitar, compor, relacionar e entretecer, ou, simplesmente, passar o tempo. Assim, assumindo as caminhadas na Vila com grupos¹¹, passei a visitar o local sistematicamente com interesses pontuais e demandas diversas, também pautados por interesses e solicitações dos moradores, em especial, manifestado pelo ferroviário Hélio Bueno da Silveira¹².

Na prática do corpo no espaço, caminhar, inicialmente, era para conhecer, para documentar, para estranhar, para reconhecer o outro, ser convidado a entrar em uma residência, para ouvir histórias e para continuar caminhando. A partir do estar como um *continuum*, sendo provocado e provocando conexões e formando linhas ao longo da convivência, reconhece-se que a problematização ocorre ao reconhecer os improvisos (INGOLD, 2022), compreendendo que não há conexões, nem relações entre pontos, a partir do conceito de não conexão em retrospecto (DELEUZE e GUATTARI, 2007), quando estamos e produzimos encontros para falar de memória e de fatos do passado. Há uma materialidade no encontro, na convivência ao longo do caminhar junto, do estar junto, do compor a paisagem, dos inúmeros estranhamentos e emaranhados que passam a existir não como redes, e sim como entrelaçamentos e movimentos.

Caminhar não está definido pelas duas pernas, e sim pela capacidade de ir a algum lugar; os nômades caminham à procura de alimentos e abrigo; caminhar coloca o corpo em relação ao outro em uma condição de deslocamento no espaço; o corpo exige de si mesmo atenção – qualquer atenção que possa ser direcionada não tem a capacidade de abranger a compreensão de todos os deslocamentos impulsionados num deslocamento do corpo, da matéria, dos tempos que o compõem um sujeito. O fluxo de pensamento inclui o modo como esse corpo carrega a si mesmo e se relaciona, do mesmo modo que compreende (reconhece) outras possibilidades de relação com os presentes na ação (humanos e não-humanos).

Caminhar é estar em contato com. Caminhar é encontro com. Caminhar é perceber a si mesmo na relação com. Seja com o outro ou no reconhecimento de si mesmo. A dinâmica não

11Em especial, grupos de alunos do Curso de graduação Tecnológica em Fotografia, vinculado à área de Comunicação Social, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), no período de 2013 a 2020.

12Presidente do Grêmio Esportivo Ferrinho e um dos moradores mais antigos da Vila dos Ferroviários, integrou a RFFSA em 1963, participou da criação do Museu do Trem, em São Leopoldo no ano de 1976, assim como de outros momentos ao longo das mais de quatro décadas do Museu.

pressupõe consciência imediata de si, mas na experiência produzida naquilo com o qual se relaciona.

CONSIDERAÇÕES QUE SEGUEM

Segundo Tim Ingold, ao habitar, somos coisas, pois não nos definimos como objeto, mas como parte daquilo se está acontecendo (2012). Assim, reconheço que as inquietações seguem, assim como reconheço o perigo que pode existir quando questões ficam abertas. Não se pretende aqui esgotar o tema apresentado nestes escritos, nem o modo de apresentar as linhas que entremeiam o tema; pretende-se, antes de tudo, fortalecer o desejo de seguir, a partir do compartilhamento e da exposição dos fazeres como pesquisadora. Desse modo, ainda na relação com o movimento, reflito sobre o caminhar, que é parte da humanidade, reflito sobre o corpo como sujeito que precisa estar presente. Caminhar pode ocorrer de muitas maneiras, e não há o que não possa ser enquadrado nessa ação, se a entendemos como deslocamento de corpos (materialidade, de tempos em um espaço). Assim, o aprender, que também se trata de aprender a caminhar, exige coordenar o corpo o qual tem seu próprio movimento no espaço, que se depara com a prática de relações incontáveis.

Outro aspecto a considerar é o quanto a decisão de manter o Conjunto 6 – a partir da compreensão da costura entre as anotações pessoais como parte de uma metodologia que reconhece na etnografia um modo de construir dados para futuras pesquisas – não se dá de modo tranquilo, tampouco previamente a própria decisão deste doutorado. Apenas a medida em que se aceita o desafio de buscar registros das caminhadas na Vila dos Ferroviários, é que se identifica materiais e itens que informam de diversas maneiras a experiência, assim como compreende as possibilidades decorrentes dos registros e, se recupera a relação de sujeito que, a medida que vai ouvindo histórias dos moradores e informantes, toma decisões que são desdobradas em uma sequência de encontros, onde um leva a outro, sendo a interação potencializada por vínculos de confiança que são estabelecidos; revisão de compreensão de mundo centrado um ponto de vista que se amplia e se modifica; familiarização com algumas tensões e compreensão do contexto histórico vinculado a paisagem histórica de produção, que abrange o patrimônio industrial.

Por fim, é preciso destacar a defesa sobre o estar vivo e a presença nas práticas de espaço, fundamentais para a relação com as coisas, o mundo, o outro e a si mesmo, evidenciando, sobretudo, a importância da disponibilidade no tempo presente. O corpo existe e depara-se com as impermanências, o provisório, o precário, a ausência e a falta, sendo partes do exercício de compreender o patrimônio, seja por afeto, seja por necessidade de sobrevivência ou qualquer outra. O caminhar e o aprender são constituídos no corpo e entretidos no estado das coisas como movimento e *continuum*. O que está no presente e nas experiências do corpo constitui-se na relação com que a experiência produz e desenha de si e das coisas com a qual o ser relaciona-se, trama e entrelaça – um fazer que entetece com as possibilidades de reunir observações e produzir reflexões acerca do que o caminhar permite pensar sobre os modos de reconhecer e se relacionar com o patrimônio cultural e industrial.

NOTA

Em processo, a pesquisadora está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, realizando doutorado sob orientação da Professora Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro, na

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sendo contemplada com bolsa da CAPES.

REFERÊNCIA

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed, 34, 2007. (Coleção TRANS)

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: MartinsFontes, 2010.

_____. **Experiência e pensamento** em Democracia e educação. 3ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959, p. 152-166.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012

_____. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**. Dossiê Cultura e Aprendizagem, n. 44, v. 1, p. 21-36. 2015a

_____. **Linhas: uma breve história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MARSHALL, Francisco. MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005.

_____. **Estar vivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015b.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHMITT, Lilian Alves. **Aprender (n)a horta urbana: práticas e experiências em comunidade**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2021.

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

C749 Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário (2023 : São Carlos, SP)
Anais do Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário, 08 a 10 de maio de 2023 / editores: Paulo César Castral... [et al.]. – São Carlos-SP: IAU/USP, 2023.
463 p

ISBN: 978-65-86810-65-3

1. Arquitetura. 2. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio arquitetônico. 4. Urbanismo. 5. Pesquisa. I. Castral, Paulo César, ed. II. Título.

CDD 720.63
